

O USO DE TÉCNICAS PROJETIVAS NO PROCESSO DE PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL NA CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA

RIBEIRO, Riana Tiemi Kinoshita¹; PROVEDEL, Valéria Lia Sganzerla².

doi: <https://doi.org/10.17648/1678-0795.momentum-v19n19-333>

RESUMO

As técnicas projetivas são ferramentas essenciais durante o processo do psicodiagnóstico infantil, ainda mais quando utilizadas durante a formação de psicólogo nos estágios realizados na Clínica Escola. O objetivo do presente trabalho é descrever o psicodiagnóstico, analisar a importância do brincar e uso do Teste HTP e Teste das Fábulas durante o psicodiagnóstico infantil nos estágios na Clínica Escola. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o psicodiagnóstico infantil, as técnicas projetivas do brincar, desenhar e conto de histórias. Concluiu-se que as técnicas projetivas são fundamentais durante o psicodiagnóstico infantil na clínica escola, pois são uma ponte para o acesso ao mundo interno da criança.

Palavras chaves: Técnicas Projetivas. Psicodiagnóstico Infantil. Clínica Escola.

ABSTRACT

The Projective Techniques are essential tools during the process of child psychodiagnosis, even more used during training of psychologists in internships at School Clinics. The present work aims to describe the psychodiagnosis, analyze the importance of playing and the uses of the HTP test and fables during the internship on child psychodiagnosis in a School Clinic. A bibliographic survey was carried out in order to find published materials on child's psychodiagnosis, the projective techniques of playing, drawing and telling stories. The survey results reveal that projective techniques are essential during the child's psychodiagnosis in a School Clinic, as it is a bridge to the child's inner world.

Keywords: Projective Techniques. Child Psychodiagnosis. School Clinic.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT.

² Professora do Centro Universitário UNIFAAT. Mestre em Psicologia Clínica.

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica é um método científico que tem como objetivo coletar dados para produção de uma avaliação psicológica de uma pessoa ou de um grupo. Os objetivos da avaliação podem ser sobre diversas questões, como características da personalidade, aptidões e funcionamento intelectual. Dentro da avaliação é possível a utilização de entrevistas, testes psicológicos, observações lúdicas e entrevistas com outros profissionais. A finalidade do psicodiagnóstico é a compreensão psicológica do indivíduo ou grupo e a necessidade ou não de um encaminhamento (HUTZ *et. al*, 2015).

Assim o psicodiagnóstico pode ser entendido como um processo com início, meio e fim, utiliza entrevistas, técnicas e/ou testes psicológicos para compreender as dificuldades apresentadas pelo avaliando, tendo por base uma teoria psicológica e buscando, assim, coletar dados mais substanciais para a realização de um encaminhamento mais apropriado (RIGONI; SÁ, 2016, p. 3).

De acordo com Ocampo *et al.* (2005, *apud* RIGONI; SÁ, 2016) o psicodiagnóstico é dividido em: (1) contato inicial e depois estende-se a entrevista inicial, (2) a aplicação de testes, (3) conclusão do processo e devolução e (4) formulação de um laudo ou relatório.

O psicodiagnóstico infantil, conforme Arcaro *et al.* (1999, *apud* SALES *et al.*, 2018) envolve também os pais ou responsáveis, não apenas a criança, para que assim se obtenha a coleta de informações sobre o desenvolvimento e características da criança que se está avaliando. Além disso, são utilizados as observações lúdicas e os testes psicológicos, a fim de detectar e analisar características de sua personalidade ou funcionamento cognitivo.

As observações lúdicas são importantes, pois, é durante a brincadeira, segundo Melanie Klein, que a criança irá expressar suas questões conscientes e inconscientes, porque o brincar é semelhante à associação livre no trabalho psicológico com o adulto. E é por meio dos brinquedos que as crianças irão expressar seus conflitos e fantasias (LEITE, 2016).

Os testes psicológicos são outros instrumentos importantes durante o processo, sendo ferramentas que poderão avaliar ansiedade, inteligência, comportamento e outros aspectos da personalidade da criança. Os testes podem ser definidos como um meio para coletar dados sobre o funcionamento cognitivo, afetivo e interpessoal do avaliando (HUTZ *et. al*, 2015).

Existem testes psicométricos e projetivos. O primeiro, com objetivo de quantificar uma característica específica do indivíduo. O segundo, para o indivíduo projetar questões internas, manifestando sua personalidade sem estar consciente disto, sendo a técnica mais utilizada nos testes dentro da abordagem psicanalítica (FERNANDES, 2010).

Assim sendo, os testes projetivos possibilitam o acesso às questões inconscientes do sujeito, que segundo Anzieu (1978) a partir do uso desse método é possível compreender o funcionamento interno de uma pessoa, podendo identificar também suas fantasias.

As crianças, diferentemente dos adultos, nem sempre realizam a associação livre pela fala, então a técnica projetiva é uma estratégia facilitadora para o acesso às fantasias, desejos, medos da criança. Pode ser entendida como uma ponte entre a linguagem do seu mundo interno com o psicoterapeuta (DIAS, 2016).

Considerando as contribuições do psicodiagnóstico infantil para a prática do psicólogo, este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso dos testes projetivos no psicodiagnóstico infantil durante os estágios na clínica escola, mais especificamente sobre os testes HTP – House, Tree, Person e o Teste das Fábulas.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso das técnicas projetivas no processo de psicodiagnóstico infantil durante o Estágio de Psicodiagnóstico na Clínica Escola, mais especificamente, sobre o brincar e o uso dos testes projetivos HTP e Fábulas durante a avaliação.

Foi utilizado o método qualitativo e de caráter bibliográfico. A abordagem qualitativa de acordo com Silva (2010) tem um maior aprofundamento dos fenômenos, indo além daquilo que é observável, estabelecendo inferências e atribuindo significados. Para Minayo e Sanches (1993) esses tipos de pesquisas aprofundam a compreensão de problemas e relacionamentos.

Foi realizado um levantamento bibliográfico, entre Agosto a Novembro de 2021, para a compreensão das publicações relativo ao uso dos testes projetivos no processo de psicodiagnóstico em uma clínica escola. As bases de dados de pesquisa foram *Google Scholar*, SciELO, CAPES, *Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia* (BVS-Psi) e *PEPsic*. Nos bancos de dados foram identificados 57 artigos com tema psicodiagnóstico infantil, técnicas projetivas, projeção e clínica escola, desses foram selecionados 40 artigos.

1 O USO DAS TÉCNICAS PROJETIVAS NO PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL NA CLÍNICA ESCOLA

A Clínica Escola é o local onde estudantes de psicologia praticam diversas atividades de estágios supervisionados por professores durante a graduação. As atividades realizadas têm como finalidade contribuir para um maior contato dos alunos com a prática da psicologia, sendo gratuitas, na maioria das vezes, para a população (AMARAL, 2012).

A disciplina de Processo Psicodiagnóstico tem como objetivo integrar todos os conhecimentos que o aluno obteve no decorrer do curso e exerce-lo na prática. O processo é

dividido em teoria e prática, e terá a supervisão de professores/supervisores, ou seja, durante todo o estágio os estudantes terão supervisão do trabalho oferecido aos pacientes que procuram a unidade. Essa disciplina dá oportunidade experiencial ao aluno, desde o recebimento da queixa, avaliação e por fim o encaminhamento adequado (QUELHO *et al*, 1999).

O psicodiagnóstico realizado com crianças, necessita possibilitar maneiras para que estas consigam expressar-se, ou seja, é preciso aproximar o *setting* terapêutico à realidade infantil, através de brinquedos, jogos, pinturas e etc. Ao estagiário cabe avaliar a criança através dos instrumentos já citados, levando em consideração as demandas levantadas a partir das entrevistas (ANDRADE, 2016).

Durante o processo de qualquer psicodiagnóstico, afirmam Lauermann e Bottoli (2012), questões de angústias, resistências e sentimentos que remetem a ambivalência irão surgir, e quando o processo envolve uma criança é preciso estar atento à subjetividade que irá surgir a partir do processo lúdico. Por meio da observação lúdica é possível criar um vínculo transferencial; a partir dos brinquedos a transferência poderá ser ampliada, pois é neles que o paciente coloca os seus sentimentos.

Na transferência o sujeito repete, isto é, atualiza ou evidencia restos de antigos conflitos, endereçando-os ao analista. A condição criada por este encontra-se entre o não compartilhar o desejo do paciente e, ao mesmo tempo, não rejeitá-lo. A consistência do endereçamento depende do vínculo transferencial, um laço entre o par analítico pelo qual se estabelece um compromisso no campo do desejo: o sujeito acredita e confia na pessoa do analista, e se propõe ao trabalho psíquico. Isto é, o paciente se apegua ao outro, o tem como suposto saber, a ponto de se dispor às intervenções. Nessa ligação, ele transfere à pessoa do analista um saldo remanescente de conflitos infantis – ama-o como o fez a um dos seus pais – e que não foram elaborados; ele é remetido, sem saber, ao Outro simbólico (FREUD, 1917/1976, p. 9-10).

Por conta disto, afirma Nunes (1992 *apud* GASPARETTO; SCHIMIDT, 2013) a escolha do uso dos instrumentos a serem aplicados é fundamental, pois, será a partir destes que será possível adquirir informações mais detalhadas sobre o paciente, a respeito de questões familiares, escolares, aspectos profissionais e sociais a partir da demanda trazida.

O uso das técnicas projetivas é fundamental, pois, segundo Laplanche e Pontalis (1977) a projeção equivale à execução do sujeito em expulsar de si e localizar no outro, podendo ser uma pessoa ou coisa, sentimentos, desejos, conflitos que recusa em si mesmo. Affonso (2011) também afirma que a projeção irá possibilitar trazer conteúdos internos e latentes do indivíduo. Melanie Klein (1970) assegura que as crianças, a partir dos mecanismos de projeção externalizam os conflitos a partir da brincadeira com os objetos. Na brincadeira, a criança irá expressar suas questões internas, atuando como uma descarga de conteúdos que não atuam no consciente.

De acordo com Anzieu (1978) o método projetivo irá possibilitar alcançar informações de maneira indireta, aquelas nas quais o indivíduo não consegue acesso por estarem no inconsciente. Então, as formas indiretas como o uso de desenhos, histórias, brinquedos irão oferecer dados, sem a necessidade da fala em si.

Embora a técnica consista na utilização da brincadeira infantil, o objetivo não é brincar com a criança, e sim proporcionar que ela expresse, por meio de brinquedos ou brincadeiras, as dificuldades que porventura está enfrentando, requerendo daí habilidade do profissional para fazer a leitura destas. Não basta, portanto, o profissional valorizar e possibilitar o espaço de brincar, mas que também tenha uma postura e conhecimento dos sintomas ou conflitos da criança inferidos com base na análise da representação lúdica dela (AFFONSO, 2011, p. 2).

Em vista disto, entende-se que as técnicas projetivas são importantes instrumentos durante o processo do psicodiagnóstico infantil a serem usados no estágio, por conta da possibilidade de acessar questões do inconsciente da criança a partir de brincadeiras, desenhos e histórias.

2 PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL

O psicodiagnóstico de acordo com Cunha (2000), é uma das possibilidades da avaliação psicológica que tem como finalidade identificar as forças e as fraquezas do indivíduo. No psicodiagnóstico, quando realizado com crianças, a coleta de informações é realizada com os responsáveis e com as crianças, pois a demanda explícita será levada pelo adulto, enquanto a implícita irá surgir durante o processo. Além disto, será utilizado o uso da observação das brincadeiras da criança e dos testes psicológicos (SALES, et al. 2018).

A avaliação psicológica é definida pelo Conselho Federal de Psicologia (2007) como:

A avaliação psicológica é um processo técnico e científico realizado com pessoas ou grupos de pessoas que, de acordo com cada área do conhecimento, requer metodologias específicas. Ela é dinâmica, e se constitui em fonte de informações de caráter explicativo sobre os fenômenos psicológicos, com a finalidade de subsidiar os trabalhos nos diferentes campos de atuação do psicólogo, dentre eles, saúde, educação, trabalho e outros setores em que ela se fizer necessária (p. 8).

Quadro 1- A realização do Psicodiagnóstico

1- Anamnese, Entrevista com pais/ responsáveis e criança	Levantamento de dados da vida do paciente, gestação, desenvolvimento e compreensão da demanda.
2- Definir hipóteses e instrumentos a serem utilizados	A partir do levantamento dos dados definir hipóteses e quais instrumentos a serem utilizados para a avaliação.
3- Observação do Brincar	A observação do brincar da criança a partir do uso da caixa lúdica.
4- Aplicação de instrumentos	Aplicação dos testes escolhidos e correlação dos dados obtidos dos instrumentos com os dados colhidos nas entrevistas e observação.
5- Devolução	A devolução do diagnóstico deve ser realizado para os pais/responsáveis e também para a criança que foi avaliada. Para a criança pode ser realizado a partir de uma história.
6- Encaminhamento	O encaminhando aquedado a partir das conclusões.

Fonte: As autoras.

É importante ressaltar que a devolução também deve ser realizada com crianças e não apenas com os pais ou responsáveis, pois, a criança que foi analisada durante todo o processo. Durante essa devolutiva, o foco serão as possibilidades do sujeito e não apenas as suas dificuldades, sanando todas as dúvidas e explicando as questões com clareza (SALES, et al. 2018).

São duas entrevistas devolutivas, uma com a criança e outra com os pais. Nesta etapa, reúne-se tudo o que foi visto e ouvido para ajudar a criança e a família a perceber que dificuldades são estas, que significados possuem, quais os sentimentos envolvidos, mostrando seu funcionamento e os aspectos que facilitam e os que dificultam seu desenvolvimento (TOSIN, 2005 p. 39).

A quantidade de encontros e aplicação de instrumentos deve ser realizada de acordo com a necessidade que o profissional considerar que seja necessário para uma maior avaliação. Também há a possibilidade de entrevistas com outros familiares ou até mesmo com o solicitante do psicodiagnóstico (ROBERTO; BARROS, 2020).

É importante ressaltar que o psicodiagnóstico pode ser realizado de diversas formas, dependendo da fonte do encaminhamento e o objetivo do psicodiagnóstico. Como o realizado por Assunção e Jauris (2021) onde se há também a visitas escolares para maior compreensão do contexto da criança. Em um contexto hospitalar, conforme Guimaraes e Porto (2017) se é avaliado os aspectos físicos e emocionais da criança e dos familiares. Desse modo entende-se que o psicodiagnóstico pode ser adaptado de acordo com a demanda.

3 A PROJEÇÃO E AS TÉCNICAS PROJETIVAS

Freud, em seus estudos define a projeção como “Uma percepção interna é reprimida e, substituindo-a, seu conteúdo, após sofrer certa deformação, chega à consciência sob a forma de uma percepção vinda do exterior” (1911/1948, p.686), a projeção pode ser entendida como um meio de externalizar questões intoleráveis para o indivíduo; é considerado um mecanismo de defesa.

Em um segundo momento, Freud desenvolve mais o conceito de projeção, que começa a ser entendida como um simples desconhecido por via do indivíduo sobre seus desejos e emoções que não são aceitos por ele como pertencentes a si. Sendo um deslocamento de emoções ou sentimentos podendo ser conscientes ou não (PINTO, 2014).

Porém a projeção não é unicamente um meio de defesa. Podemos observá-la também em casos onde não existe conflito. A projeção para o exterior de percepções interiores é um mecanismo primitivo, ao qual nossas percepções sensoriais se acham também submetidas, e que desempenham um papel essencial em nossa representação do mundo exterior (FREUD, 1913/1948, p.454).

A partir dessas ideias, a técnica projetiva foi criada por Frank (1939/1965 apud Pinto, 2014) como meio de acesso às vivências internas, conflitos e desejos, e a partir dessa técnica é possível compreender aspectos latentes da personalidade, por estarem no inconsciente.

Os testes projetivos são instrumentos que têm como objetivo a investigação da personalidade do indivíduo, sendo que seus conteúdos são apresentados de maneira ambígua a partir de desenhos, manchas e histórias. Anzieu (1978) afirma que o avaliando quando realiza um teste projetivo irá produzir um protocolo de respostas e esta estrutura irá corresponder à estrutura de sua personalidade.

O uso da projeção com crianças é uma técnica utilizada a partir de diferentes ferramentas, como o desenho e a história, que podem ser vistos com uma brincadeira pela criança. Winnicott (1971/1975) afirma que as crianças irão brincar por prazer, podendo ainda demonstrar ódio, adquirir experiências e lidar com agressões. Desse modo, o autor compreende que, a partir das criações, as crianças estão associando livremente, mostrando a efetividade do uso dessas atividades como instrumento diagnóstico.

Uma das técnicas projetivas realizadas com crianças é o desenho. De acordo com Mèredieu (1999) o desenho infantil pode ser entendido como um meio de linguagem, em que a criança pode conseguir expressar seus sentimentos, fantasias e medos.

De acordo com Arfoulloux (1983) interpretar o desenho de uma criança é explicar o que está obscuro, traduzindo-o numa linguagem compreensível, extraindo do desenho um sentido oculto – tanto ao entendimento da criança quanto dos adultos que a cercam –, transcrevendo este sentido latente para uma linguagem verbal. O desenho é o método mais eloquente, imediato e de mais simples execução para se investigar traços de humor, de comportamento e de caráter de uma criança, assim como seus conflitos intrapsíquicos, suprimindo, dessa maneira, sua dificuldade em falar de si mesma e expor seus problemas (SILVA, 2010, p.451).

Na avaliação psicológica é possível utilizar os testes projetivos para ampliar a investigação sobre as questões internas da criança. Um deles é o Teste *House, Tree and Person* (HTP), criado por John N. Buck em 1948 e reavaliado e aprovado para uso no Brasil em 2004 pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI).

A aplicação desse instrumento é dividida em dois momentos. No primeiro o desenho livre acromático de uma casa, árvore e pessoa e, caso o profissional considere necessário, o desenho da família pode ser incluído. O segundo consiste no inquérito, onde serão realizadas perguntas sobre cada desenho. É possível solicitar também os desenhos na forma cromática.

A página em branco sobre a qual o desenho é executado serve como um fundo no qual o paciente nos oferece um vislumbre de seu mundo interno, de seus traços e atitudes, de suas características comportamentais, das fraquezas e forças de sua personalidade, incluindo o grau em que pode mobilizar seus recursos internos para lidar com seus conflitos psicodinâmicos, tanto interpessoais quanto intrapsíquicos (RETONDO, 2000, p.15).

Após a aplicação e inquérito é necessário realizar a interpretação do protocolo, que tem como objetivo sistematizar os critérios de avaliação dos desenhos, analisando os resultados juntamente com o histórico clínico do indivíduo (BUCK, 2003 *apud* BORSA, 2010).

Antes de começar a escrever, a criança desenha. Os desenhos mais comuns nesta fase são casas, sol, árvores, pessoas, animais e esses conteúdos são vistos nas produções de crianças de todas as culturas. Esses desenhos são representações do seu mundo subjetivo e não necessariamente a realidade em que a criança vive (RETONDO, 2000).

Os desenhos são meios potentes para o acesso à psicodinâmica e ao mundo subjetivo da criança, ou seja, apresentando aspectos de seu inconsciente.

A linguagem do inconsciente é fundamentalmente imaginativa e simbólica e, emerge com bastante facilidade por meio dos desenhos. Tanto a linguagem simbólica quanto o desenho alcançam níveis primitivos da personalidade, permitindo o acesso ao mundo interno (RETONDO, 2000, p. 14).

O Manual do HTP afirma que cada elemento solicitado para desenhar irá representar alguma questão relacionado ao indivíduo, elementos que podem ser encontrados no material, mas que são exclusivas ao profissional (RETONDO, 2000).

A partir do teste HTP é possível investigar aspectos inconscientes, da personalidade, fantasias e medos do indivíduo que estiver sendo avaliado. O uso do desenho, ainda mais relacionado às crianças, é significativo, pois, dessa maneira, a criança consegue expressar aquilo que não consegue pela fala (WINNICOTT, 1984 *apud* SILVA, 2010).

Outro teste projetivo que pode ser utilizado é o Teste das Fábulas criado por Düss em 1940, baseado em fundamentos psicanalíticos, constituído por histórias incompletas e a criança precisa completá-las. As fábulas foram desenvolvidas para criarem situações de ambiguidade, simbólicas e neutras, para que assim os conflitos pudessem ser mascarados e o avaliando conseguisse se identificar com o herói da história (SOUZA, 2012).

De acordo com Düss as fábulas apresentadas irão representar questões do cotidiano da criança, em relação à família, ambiente escolar, ansiedades e medos. O avaliando poderá se sentir afetado pelas histórias e apresentar uma resposta simbólica ou resistência para responder (FREITAS, 2014).

Assim sendo, é possível compreender que o Teste das Fábulas auxilia no contato aos conflitos do sujeito, pois o ato de contar histórias é um modo de estruturar o discurso da fantasia. Quando é solicitado para contar uma história, a criança irá revelar aspectos do seu inconsciente, e assim, o teste é um meio facilitador para isso.

O brincar também entra como uma técnica projetiva, sendo a observação da interação da criança com os objetos. O brincar possibilita observar a manifestação e elaboração de situações que foram traumáticas para o ego da criança, também como a expressão de fantasias e dos desejos (FREITAS, 2016).

Os primeiros relatos sobre o brincar foram realizados por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), com o jogo da presença e ausência, observação realizada com seu próprio neto de um ano e meio. Na brincadeira o menino segurava um carretel de linha e o empurrava sobre a borda da cama até que o objeto desaparecesse e falava “o-o-ó” (que foi interpretada como *Fort*, em alemão “ir embora”). Logo em seguida, puxava a linha de volta e junto reaparecia o carretel e expressava “da” (significa “ali” ou “retorno”). A partir da observação e interpretação da brincadeira, conclui que:

As crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentando-a de modo passivo. Cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam. Tampouco podem as crianças ter as suas experiências agradáveis repetidas com frequência suficiente, e elas são inexoráveis em sua insistência de que a repetição seja idêntica (FREUD, 1920/2006, p. 45).

É importante destacar que o brincar na visão psicanalítica, não é apenas o ato de brincar e sim a função do brincar, ou seja, representa uma maneira de descarga emocional de suas funções do psíquico (LEITÃO; CACCIARI, 2017).

Melanie Klein é quem explora com maior profundidade a questão do brincar e da brincadeira. A autora depara-se com a barreira do atendimento infantil: a falta da técnica. O diferencial do atendimento infantil e do adulto é onde a angústia é posicionada. A criança ainda não consegue expressar-se como os adultos, e uma das maiores contribuições da autora foi utilizar o brincar como mecanismo de transferência, sendo o meio de verbalização das crianças no atendimento (FERREIRA; CAMPOS, 2014).

Para conseguir acessar os conteúdos da criança é preciso recursos que vão além da fala, e a partir da brincadeira a criança irá encenar versões sobre sua própria vivência. A partir da técnica do brincar a criança irá sentir, viver, e reviver experiências, todas essas questões a partir do faz de conta vinculando com aquilo que viveu no exterior fundindo-se com a fantasia (STRAGLIOTTO, 2008).

Nesta direção, considera-se que o simbolismo, no brincar, funciona como meio significativo da criança de comunicação e representação de seus estados internos e afetos. Logo, a capacidade que ela tem de simbolizar e de conservar essa capacidade através da livre brincadeira, mesmo que diante do enfrentamento de situações adversas, denota a qualidade do funcionamento psíquico da mesma e diferencia saúde mental de patologia (FREITAS, 2016 p. 124).

Os brinquedos a serem utilizados podem ser da escolha do profissional, levando em consideração a idade e realidade da criança. A observação da brincadeira é essencial durante o psicodiagnóstico; um meio acessível para profissionais e fazem parte da realidade de todas as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível compreender que as técnicas projetivas quando realizadas com crianças possibilitam o acesso ao seu inconsciente, trazendo à tona suas fantasias, angústias, desejos e agressividade. A criança utiliza a fantasia para expressar as questões internas, utilizando os desenhos, histórias, e brincadeiras, ou seja, usando aspectos simbólicos.

O uso dessas técnicas em um processo de psicodiagnóstico infantil é eficiente, já que a criança ainda não realiza a associação livre como os adultos, sendo esses instrumentos usados para o acesso ao seu mundo psíquico. Todavia, é importante atentar-se nas demandas trazidas pelos pais/responsáveis e nos dados colhidos durante as entrevistas.

Quando realizado o psicodiagnóstico infantil em um Clínica Escola o uso dessas técnicas auxilia na compreensão da criança que está sendo avaliada. Ao mesmo tempo, as supervisões dos professores possibilitam a interpretação dos resultados dos testes ou da observação lúdica, junto da correlação da demanda que fora trazida, para que haja maior compreensão do caso, gerando hipóteses diagnósticas e, por fim, o psicodiagnóstico; além, dos materiais que são utilizados já fazerem parte da realidade das crianças, ou seja, não trazem dificuldade para seu uso, porém, é necessário que o aluno esteja atento aos acontecimentos do *setting* para realização das intervenções e é por meio da prática fornecida na disciplina que este terá possibilidade de compreender o “como atuar” e “como direcionar”.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Maria Rosa Lopes. A contribuição da análise das noções de espaço, tempo e causalidade nas técnicas projetivas diagnósticas: ludodiagnóstico e desenho da figura humana. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13 p. 101-116, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193819303008>. Acesso: 14 set. 2021
- AMARAL, Anna Elisa Villemor et al. Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. *Bol. psicol, São Paulo*, v. 62, n. 136, p. 37-52, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2021.

ANDRADE, Edson Peixoto; SOUSA, Pedro Amaral; ANDRADE, Edilamara Peixoto de. A construção do psicodiagnóstico: seus processos e as interferências sofridas. 2016. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1900/518>. Acesso em: 13 set. 2021.

ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

ASSUNÇÃO, Leticia Novais Pereira; JAURIS, Roberta Bolzan. A prática do psicodiagnóstico infantil: um relato de experiência em serviço-escola em psicologia. IN: SEMINÁRIO GEPRÁXIS, VI, 2021, Vitória da Conquista – BA. **Anais [...]** Portal de Anais de Eventos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – BA: UESB, 2021

BORSA, Juliane Callegaro. **CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO TESTE DA CASA-ÁRVORE-PESSOA – HTP. Avaliação Psicológica**, v 9, p 151-154, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3350/335027281016.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Cartilha sobre Avaliação Psicológica**. Brasília, DF, Junho de 2007. Disponível em: <https://satepsi.cfp.org.br/docs/Cartilha-Avalia%C3%A7%C3%A3o-Psicol%C3%B3gica.pdf>. Acesso em: 29 ago.2021

CUNHA, J. A. **Estratégias de Avaliação: perspectivas em psicologia clínica**. In: CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico V*, 2000.

DIAS, Stéfani Inacio Aguiar. Atendimento na Infância: Aspectos Teóricos e um Estudos de Caso a Partir da Abordagem Psicanalítica. In: I COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR & CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA, 2016 . Mineiros/GO. **Anais [...]**. Mineiros/GO: UniFimes, 2016. p. 01-13. Disponível em: <https://unifimes.edu.br/ojs/index.php/coloquio/article/view/69/238>. Acesso: 13 out. 2021

FERNANDES, S. **Normas do Rorschach em crianças de seis a oito anos**. 2010. Dissertação (Mestre em Psicologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 27-177 Disponível em: https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/15_10_2010__10_03_41__61.pdf. Acesso em: 01 set de 2021.

FERREIRA, Luzia Janaina Soares; CAMPOS, Marcelo. O brincar e sua função no processo analítico infantil. **Connection line - Revista eletrônica do UNIVAG**. v. 11, p. 123- 145, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/41/330>. Acesso em: 14 set. 2021

FREITAS, Maiara Castro de. Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico. **Multiciencia online**, p. 114-133. 2016. Disponível em: <http://urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v2/n3/4158e04e9962931ffb580c9572b84a13.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

FREITAS, Marcelle Louise Coelho de. **Evidências de validade e precisão do Teste de Fábulas em escolares**. 2014, Dissertação (Mestre em Psicologia)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2014. doi: 10.11606/D.59.2014.tde. Acesso em: 14 set. 2021

FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia**. Companhia das Letras. v.II: 1911

FREUD. **Totem e Tabu**. Companhia das Letas. vol.II: 1913

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1917.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol. II: 1915-1920. 2006.

FREUD, S. **Obras completas**. Companhia das Letras. Vol. I, II e III: 1948

GASPARETTO, G.G; SCHMIDT, E B. Instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico em uma clínica escola. **Perspectiva**, v. 37, n. 140, p. 39-48, 2013. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_371.pdf. Acesso em: 13 set. 2021.

GUIMARAES NETO, Armante Campos; PORTO, Joana D'arc Silvério. Utilização de instrumentos de avaliação psicológica no contexto hospitalar: uma análise da produção brasileira. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 66-88, dez. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 nov. 2021.

HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcelli. **Psicometria**. Brasil: Artmed, 192. Disponível em: <https://bityli.com/B16XA>. Acesso em: 25 ago. 2021.

KLEIN, M. A **personificação nos jogos das crianças**. In: KLEIN, M. Contribuições à psicanálise. Tradução Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 269-282.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 4. ed. Lisboa: Moraes, 1977. Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche-vocabulc3a1rio-de-psicanc3a1lise.pdf>. Acesso em: 03 set. 2021.

LAUERMANN, Jusiene Denise; BOTTOLI, Cristiane. A Realização do Psicodiagnóstico como Processo Compreensivo: Estudo de Caso com uma Pré- Adolescente. In: XVI SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2012, SANTA MARIA - RS. **Anais [...] APRENDER E EMPREENDER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA**. SANTA MARIA - RS: UNIFRA, 2012. <https://docplayer.com.br/7589564-A-realizacao-do-psicodiagnostico-como-processo-compreensivo-estudo-de-caso-com-uma-pre-adolescente-2012-1.html>

LEITÃO, Iagor Brum; CACCIARI, Marcella Bastos. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.22, n 1, p. 64-82, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/121240/129954>. Acesso em: 14 set. 2021.

LEITE, Renata Franco. Caixa lúdica e novas tecnologias. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 45, p. 145-148, jul. 2016 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2021.

MÈREDIEU, F. O **desenho infantil**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2021

PINTO, Elza Rocha Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**, v. 17, n. 1, pp. 135-153, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000100009>. Acesso em: 26 ago. 2021

QUELHO, A. M. C. et al. Repensando a Supervisão em Psicodiagnóstico: a relação teoria e prática - uma questão de ensino e/ou aprendizagem. 1999. **Psico-US**. v. 4, n. 2, p.13-22, 1999.

RETONDO, M. F. N. G. **Teste Projetivo H.T.P (casa - arvore - pessoa)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

RIGONI, Maisa S.; SÁ, Samantha Duburgas. O processo psicodiagnóstico. Hutz CS, Bandeira DR, Trentini CM, Krug JS, organizadores. **Psicodiagnóstico**. 1ed. Porto Alegre: Artmed, p. 27-34, 2016.

ROBERTO, Naftali Tuany Souza; BARROS, Bruno Gustavo Lins de. Psicodiagnóstico infantil: um estudo de caso. **Ricesmac Repositório Institucional**, Maceio-AL, p. 01-11, 2020. Disponível em: <https://ri.cesmac.edu.br/bitstream/tede/1002/1/Psicodiagn%C3%B3stico%20infantil%20um%20estudo%20de%20caso.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

SALES, O. et al. Psicodiagnóstico Infantil: relato de um caso. **Revista Humanidades e Inovação**, v.5, n 7, p. 133-122, 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/894>. Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, Gisele Cristina Resende Fernandes da. O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. **Psicologia.pt** 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

SILVA, Jossiane Maria Mattos da. O desenho na Expressão de Sentimentos em Crianças Hospitalizadas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, p 447-456, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/wsfd6gNXZQN7cxscDD7Kkbh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2021.

SOUZA, Rodrigo Luís Bispo. **Aspectos históricos e empíricos dos temas do teste das fábulas**. 2013, Dissertações (Mestre em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade De Psicologia. Rio Grande do Sul, p. 80-88 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/878/1/461103.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

STRAGLIOTTO, C. E. B. 2008. Pensando sobre o brincar. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, n.5, p. 10-187. Disponível em: <http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php>. Acesso em: 17 de out. 2021.

TOSIN, Anna Silvia. O Psicodiagnóstico e as abordagens sistêmico-familiares. **Familiare Instituto Sistêmico**, p. 01-61 2005. Disponível em: <https://institutofamiliare.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Anna-Silvia-Tosin-2005-O-Psicodiagnostico-e-as-Abordagens-Sistemico.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

WINNICOTT D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1975. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-brincar-e-a-realidade.pdf>. Acesso em: 29 ago.2021.